



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente da Colômbia, Álvaro Uribe
Palácio do Planalto, 17 de fevereiro de 2009**

Jornalista: Presidente Lula, no seu discurso o senhor falou em combater as práticas protecionistas. Eu gostaria, então, de perguntar para o senhor e também para o presidente Uribe, o que os senhores podem fazer para evitar que essas medidas protecionistas, que estão sendo adotadas por vários países, aprofundem ainda mais a crise? E ainda no seu discurso, Presidente, o senhor foi extremamente otimista, falando até em uma América do Sul saindo mais fortalecida dessa crise, com todos os países trabalhando juntos. No entanto, hoje mesmo nós teremos uma reunião, aqui em Brasília, dos ministros da Argentina e do Brasil para discutir divergências. Não poderá esta crise provocar justamente o contrário, não poderá fazer com que os conflitos fiquem ainda mais acirrados, que as divergências fiquem ainda mais acirradas?

Presidente: Eu tive a oportunidade, na primeira reunião do G-20 em Washington, de dizer aos países que estavam lá que se nós tentássemos voltar a uma política protecionista dos tempos da Guerra Fria, nós iríamos aprofundar a crise, e não resolver o problema da crise. Quando o presidente Obama fez o discurso, com uma certa característica protecionista, eu voltei a repetir que era um equívoco de qualquer presidente que entendesse que a solução para os problemas da sua economia fosse o protecionismo. Continuo com essa convicção.

Por isso é que tomei atitude, voltando atrás em uma medida que tinha sido tomada pelo Ministério do Desenvolvimento... pelo Ministério da Fazenda, de criar uma certa dificuldade para os produtos argentinos. Voltei atrás com a convicção de que eu prefiro uma reunião para solucionar divergências entre



Brasil e Argentina, como a que vai acontecer hoje entre o meu Ministro da Fazenda, meu Ministro das Relações Exteriores, meu Ministro da Indústria e Desenvolvimento, do que a forma simples de, dentro de um gabinete tomar uma medida punitiva contra quem quer que seja. Se nós temos divergências com a Argentina, se amanhã viermos a ter divergências com a Colômbia, se amanhã viermos a ter divergências com a China ou com os Estados Unidos, nada melhor do que se sentar em torno de uma mesa e encontrar um denominador comum que possa servir aos povos dos dois países.

Eu estou convencido de que a relação entre Argentina e Brasil é tão profunda e tão forte, que não há divergência que não possa ser solucionada. Nós vamos ter uma reunião hoje entre os ministros, certamente teremos outra mais para a frente. Em abril, a presidenta Cristina estará em São Paulo, eu estarei com ela. Depois, estarei, em abril, visitando a presidenta na Argentina. É bom que a gente tenha divergências, e é melhor ainda que a gente tenha competência e vontade política de resolvê-las.

É assim que eu trabalho, e vou levar esse meu discurso outra vez no dia 2, em Londres, afirmar em alto e bom som que o protecionismo não ajuda, atrapalha. Se qualquer país rico tentar defender o protecionismo, é bom lembrar que foram eles que criaram a doutrina e forjaram, na prática, o chamado mundo globalizado e o livre comércio. Quando eles podiam adentrar os nossos países com os seus produtos, era livre comércio.

Na Rodada de Doha, quando nós queríamos dar uma chance para os pobres, já não foi livre comércio. Eu espero que agora, na crise, eles não esqueçam de tudo o que falaram, que escreveram e que praticaram nos últimos 45 anos. O que nós queremos é livre comércio e, sobretudo, um comércio justo. Por isso, continuamos apostando e acreditando que vamos ter um acordo na Rodada de Doha, mais dia, menos dia.

(\$31FGJLMP)